



“O SENHOR É MEU PASTOR E ELE SABE QUE SOU GAY”: CONTEXTUALIZANDO O SURGIMENTO DE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS LGBTI+ E DAS IGREJAS DA COMUNIDADE METROPOLITANA (ICMS)*

Tainah Biela Dias**

RESUMO

O presente artigo aborda aspectos históricos que marcam o contexto e surgimento das Igrejas da Comunidade Metropolitana nos Estados Unidos por meio da iniciativa do Rev. Troy Perry. Num primeiro momento, apresenta o cenário no qual as primeiras articulações entre pessoas LGBTI+ foram realizadas em solo estadunidense e como, desde a década de 1950, algumas iniciativas de caráter religioso prepararam terreno para o que viria a ser a primeira igreja LGBTI+. Também enfatiza como o período de ebulição de movimentos por direitos civis da década de 1960, assim como o surgimento de um novo tipo de militância LGBTI+ foram prementes para a eclesiologia das primeiras ICMs, marcadas por intenso ativismo em defesa dos direitos de pessoas LGBTI+. Por fim, sinaliza alguns aspectos que marcam as reelaborações teológico-pastorais das ICMs, enfatizando o acionamento de essencialismos como forma de desconstruir discursos discriminatórios provenientes do mesmo campo religioso de qual faz parte, ao mesmo tempo em que permite novas produções identitárias dentro dos cristianismos.

Palavras-chave: Igrejas da Comunidade Metropolitana; igrejas inclusivas; religião; pessoas LGBTI+; essencialismos.

* O presente artigo contém trechos de minha tese de doutorado, defendida e aprovada (summa cum laude) sob o título: DIAS, T. B. Um “lugar para ser”: reconstruções identitárias de pessoas LGBTI+ cristãs nas Igrejas da Comunidade Metropolitana. 283f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo São Bernardo do Campo, 2022. Esse texto deriva de pesquisa produzida com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/MEC).

** Doutora e Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Membro do Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/NETMAL. Endereço eletrônico: tainah.biela@gmail.com



“THE LORD IS MY SHEPHERD AND HE KNOWS I’M GAY”: CONTEXTUALIZING THE EMERGENCE OF LGBTI+ RELIGIOUS ALTERNATIVES AND METROPOLITAN COMMUNITY CHURCHES (MCCS)

ABSTRACT

This article addresses historical aspects that mark the context and emergence of Metropolitan Community Churches in the United States through the initiative of Rev. Troy Perry. At first, it presents the context in which the first articulations between LGBTI+ people were carried out on American soil and how, since the 1950s, some initiatives of a religious nature prepared the ground for what would become the first LGBTI+ church. It also emphasizes how the boiling period of civil rights movements of the 1960s, as well as the emergence of a new type of LGBTI+ militancy, were pressing for the ecclesiology of the first ICMs, marked by intense activism in defense of the rights of LGBTI+ people. Finally, it points out some aspects that mark the theological-pastoral re-elaborations of the ICMs, emphasizing the activation of essentialisms as a way of deconstructing discriminatory discourses from the same religious field of which it is part, while allowing new identity productions within Christianity.

Keywords: Metropolitan Community Churches; inclusive churches; religion; LGBTI+ people; essentialisms.

“EL SEÑOR ES MI PASTOR Y EL SABE QUE SOY GAY”: CONTEXTUALIZAR EL SURGIMIENTO DE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS LGBTI+ E LAS IGLESIAS DE LA COMUNIDAD METROPOLITANA (ICM)

RESUMÉN

Este artículo aborda aspectos históricos que marcan el contexto y surgimiento de las Iglesias de la Comunidad Metropolitana en los Estados Unidos a través de la iniciativa del Rev. Troy Perry. En un primer momento, presenta el contexto en el que se llevaron a cabo las primeras articulaciones entre personas LGBTI+ en suelo americano y cómo, desde la década de 1950, algunas iniciativas de carácter religioso prepararon el terreno para lo que sería la primera iglesia LGBTI+. También destaca cómo el período de ebullición de los movimientos por los derechos civiles de la década de 1960, así como el surgimiento de un nuevo tipo de militancia LGBTI+, fueron presionando para la eclesiología de los primeros MCI, marcados por un intenso activismo en defensa de los derechos de las personas LGBTI+. Finalmente,



señala algunos aspectos que marcan las reelaboraciones teológico-pastorales de los MCI, enfatizando la activación de los esencialismos como forma de deconstruir discursos discriminatorios desde el mismo campo religioso del que forma parte, al tiempo que permite nuevas producciones identitarias al interior del cristianismo.

Palabras clave: Iglesias de la Comunidad Metropolitana; iglesias inclusivas; religión; personas LGBTI+; esencialismos.

INTRODUÇÃO

O presente artigo se dedicará a realizar um resgate da história das Igrejas da Comunidade Metropolitana (ICMs) a partir de seu surgimento no ano de 1968, na cidade de Los Angeles (CA) nos Estados Unidos, primeira denominação religiosa formada por e para pessoas LGBTI+ cristãs. Para isso, realizaremos um breve retorno à década de 1960, enfatizando sobretudo o florescimento dos movimentos por direitos civis e, em específico, o movimento identitário de pessoas LGBTI+ após os eventos transcorridos durante as chamadas *Revoltas de Stonewall*, evento catalisador que marca o nascimento de um estilo característico de militância LGBTI+.

As ICMs são comunidades religiosas cristãs que fazem parte da Fraternidade Universal das Igrejas da Comunidade Metropolitana (FUICM)¹. O início da trajetória dessas igrejas se dá nos Estados Unidos no ano de 1968, mais especificamente na cidade de Los Angeles, no estado da Califórnia. A igreja, criada por iniciativa do reverendo Troy Perry, ex-pastor pentecostal expulso de sua denominação de origem por conta de sua orientação sexual, nasce antes *Revoltas de Stonewall*, mas já dentro de uma conjuntura que se mostra favorável às lutas de grupos minoritários e suas reivindicações pelo reconhecimento de direitos civis.

Diversas pesquisas já se debruçaram sobre as Igrejas da Comunidade Metropolitana no Brasil (i.e.: Ana Ester FREIRE, 2019; Aramis SILVA, 2016; Eduardo MARANHÃO Fº, 2016; 2015; 2011; Marcelo NATIVIDADE; Leandro de OLIVEIRA, 2013; Fátima WEISS DE JESUS, 2012; Marcelo NATIVIDADE, 2010; 2008) e destacaram o pioneirismo desta denominação não somente no que tange ao oferecimento de alternativas religiosas para a população LGBTI+, mas também seu protagonismo na luta pela garantia dos direitos humanos e seu diálogo com preceitos teológicos progressistas. No entanto, pensamos ser ainda pertinente reconstruir a

¹ Universal Fellowship of Metropolitan Community Churches (UFMCC).



narrativa de como se deu a história das ICMs desde o seu surgimento, pois nos auxilia a compreender suas formas de atuação ainda hoje.

1. NOTAS INICIAIS SOBRE O CONTEXTO ESTADUNIDENSE: FLORES-CIMENTO DE MOVIMENTOS POR DIREITOS CIVIS

Enquanto o Brasil, em meados da década de 1960, lidava com as tensões de um regime ditatorial que se estabelece a partir de um golpe militar legitimado pelo combate à *ameaça comunista*, no qual quaisquer articulações políticas consideradas minimamente subversivas eram alvo de repressão em defesa da ordem vigente, outros países, sobretudo Estados Unidos e a Inglaterra, presenciavam a ebulição de movimentos por direitos civis por meio da atuação organizada de grupos que viriam a ser denominados como a *Nova Esquerda (New Left)*. Steven Seidman resume de forma pertinente as principais diferenças ente essa nova esquerda, também entendida pelo termo *Novos Movimentos Sociais*, e a atuação política de grupos de esquerda que a antecedem. De acordo com o autor,

[...] no movimento negro, feminista e liberacionista gay, na nova esquerda e movimentos contraculturais, as estratégias políticas e conceituais gravitaram para longe do Marxismo ou o abandonaram inteiramente. O Marxismo pode ter facilitado, inicialmente, o criticismo social e a mobilização política dos NMS (Novos Movimentos Sociais), mas o fato de privilegiar epistêmica e politicamente a política das classes trabalhadoras fez das lutas raciais, de gênero, sexuais e outras lutas não-classistas secundárias e marginais. No fim, esses movimentos se viraram contra o Marxismo para estabelecer a legitimidade de suas esferas de luta e seu próprio espaço de práticas discursivas² (Steven SEIDMAN, 1993, p. 107)³.

Neste cenário, impulsionado sobretudo pelos movimentos estudantis, negro e feminista, outros movimentos de *afirmação identitária* (Jeffrey WEEKS, 2002) também encontraram terreno fértil para suas pautas e reivindicações específicas. Dentre esses, nos interessa de

² [...] in the black, feminist, and gay liberationist movements, in the new-left and countercultural movements, conceptual and political strategies gravitated away from Marxism or abandoned it entirely. Marxism may have initially facilitated social criticism and political mobilization in the NSM, but its epistemic and political privileging of working-class politics rendered racial, gender, sexual, and other nonclass struggles secondary and marginal. In the end, these movements turned against Marxism to establish the legitimacy of their own sphere of struggle and their own social and discursive practices.

³ Todas as traduções de textos em outras línguas foram feitas pela própria autora. Os trechos dos manuscritos originais encontram-se em notas de rodapé ao longo do texto.



forma específica o movimento que leva ao agrupamento conhecido como *libertação gay*⁴, uma nova forma de organização política radical de minorias sexuais historicamente oprimidas e que ganha proeminência como potência contracultural, sobretudo, a partir de 1969, tendo *Stonewall* como o marco simbólico da nova forma de atuação e das novas pretensões políticas do então movimento de gays e lésbicas. Este é, portanto, o cenário que marca o surgimento das ICMs nos Estados Unidos. No entanto, como veremos, outras propostas religiosas antecederam a expansão dessa denominação religiosa e serviram, de certa forma, como propulsores para sua própria criação.

Muito embora *Stonewall* seja, indubitavelmente, um marco decisivo na história das reivindicações políticas de pessoas LGBTI+ e seja rememorado até os dias atuais, é importante salientar que organizações formadas por homossexuais nos Estados Unidos existiam antes deste período de ebulição revolucionária, mesmo em um contexto marcado pela incidência de leis anti-sodomia que criminalizavam relações entre pessoas do mesmo sexo em diversos estados americanos⁵. Mesmo em um período marcado pelos efeitos da Segunda Guerra Mundial, pelo advento do Macarthismo, do enfrentamento ao comunismo e das tensões da Guerra Fria, o cenário estadunidense presenciou o surgimento de grupos que começaram a se organizar de modo anônimo e, à época, clandestino, como a *Mattachine Society*⁶, encabeçada por Harry Hay em

⁴ Do inglês *gay liberation*, tendência que passou a vigorar como a tônica do movimento de gays e lésbicas nos Estados Unidos após a Rebelião de Stonewall, adquirindo contornos de uma empreitada contracultural, diferentemente da tendência assimilacionista do período pré-Stonewall.

⁵ Somente no ano de 2003, por ocasião do julgamento do caso *Lawrence v. Texas* pela Suprema Corte americana, as leis anti-sodomia foram invalidadas no Texas e, como consequência, em todo o território estadunidense. A referida decisão se consolidou como um marco na luta pela ampliação dos direitos civis de pessoas LGBTI+, garantindo que tais liberdades deveriam ser protegidas pela Décima Quarta Emenda, e também abriu precedentes importantes para outros julgamentos favoráveis, como o do caso *Obergefell v. Hodges* que reconheceu o casamento entre pessoas do mesmo sexo nos Estados Unidos, no ano de 2015.

⁶ A respeito da *Mattachine Society*, Lillian Faderman (2015) relata um evento histórico que, considerando nossos propósitos de pensar as relações entre religião e sexualidades divergentes, pensamos ser interessante mencionar. A primeira Convenção Constitucional da *Mattachine Society*, evento ocorrido no ano de 1953 e que marca a publicização da identidade homossexual de seus membros, antes mantida em segredo, foi acolhida justamente por uma instituição religiosa: a *First Unitarian Church* de Los Angeles (CA), pastoreada à época pelo Reverendo Steve Fritchman, ministro publicamente reconhecido por suas posturas progressistas e pelo acolhimento de pessoas marginalizadas.



1950 e formada majoritariamente por homens gays em Los Angeles; a *ONE Inc.*, que surge em 1952 por iniciativa de membros da *Mattachine Society* e o grupo de mulheres lésbicas *Daughters of Bilitis*, formado em 1955 em São Francisco (CA).

Esses coletivos marcam o crescimento do à época denominado *movimento homófilo* e a emergência de uma *subcultura gay* nos Estados Unidos. Fundamentalmente diferente dos movimentos que começam a surgir a partir do final da década de 1960, o movimento homófilo das décadas de 1950 e 1960 é marcado pela existência de pautas relativamente conservadoras e de caráter integracionista e assimilacionistas, muito embora houvesse resistências e embates internos por parte de grupos que propunham mudanças radicais. Ainda assim, de maneira geral, as prioridades dessas organizações homófilas eram, fundamentalmente, atestar a respeitabilidade de gays e lésbicas, combater a discriminação e a marginalização e lutar por formas de inserção de gays e lésbicas na sociedade estadunidense, partindo da premissa de não haver quaisquer diferenças entre homossexuais e heterossexuais (Steven SEIDMAN, 1993; Lillian FADERMAN; Stuart TIMMONS, 2006; Lillian FADERMAN, 2015).

Essas organizações pioneiras tiveram papel fundamental em um momento histórico marcado pela discriminação social e jurídica, assim como pela truculência policial contra sujeites/as/os considerades/as/os *desviantes sexuais*. Ainda que tenham desaparecido ou perdido relevância no decorrer das décadas seguintes, essa primeira fase do movimento de gays e lésbicas nos Estados Unidos foi fundamental, por exemplo, para ampliar o debate acerca das discriminações das quais essa população era alvo, para consolidar a noção da existência de uma *minoría sexual* e para dar início a uma luta por direitos igualitários que se estendera por muitas décadas, assim como possibilitou visibilizar um movimento nascente e ainda profundamente estigmatizado em um contexto marcado pela existência de um aparato jurídico não só discriminatório, mas criminalizante, e um contexto sociocultural hostil à diversidade sexual.

Os avanços obtidos por grupos como *Mattachine Society*, *Daughters of Bilitis* e *ONE Inc.* foram fundamentais para que uma nova militância de gays, lésbicas e outres/as/os sujeites/as/os dissidentes sexuais e de gênero surgisse a partir da segunda metade da década de 1960,



inspirada, sobretudo, pelo movimento negro e as marchas lideradas por figuras proeminentes, como o pastor batista e ativista político Martin Luther King Jr. Como ressalta Lillian Faderman,

A Marcha sobre Washington por Trabalho e Liberdade de Martin Luther King Jr. em Agosto de 1963, e a marcha por direito ao voto de Selma a Montgomery em Março de 1965, foram outros lembretes dramáticos do que precisava ser feito em uma luta séria pelos direitos civis. Mas os homossexuais, que não tinham um Martin Luther King para reunir uma grande quantidade de membros, começaram pequenos⁷ (Lillian FADERMAN, 2015, p. 116).

Neste período do decorrer da década de 1960, Faderman (2015) rememora pequenos focos de resistência LGBTI+ contra batidas e investidas policiais que precederam Stonewall em bares e centros urbanos de cidades como Los Angeles, São Francisco, Filadélfia e Nova Iorque. O surgimento de novos grupos e a organização de protestos também foram indicadores de que um novo tipo de militância estava começando a surgir, inspirada no sucesso dos movimentos por direitos civis que também pululavam neste mesmo período. Neste sentido, uma série de fatores e uma conjuntura social e política propícia foram impulsores de uma mudança de forma de atuação e postura do ativismo de gays e lésbicas que, muitas vezes, também andavam junto a outros movimentos por direitos civis.

Essas movimentações foram evidentemente potencializadas pelas *Revoltas de Stonewall*, consideradas uma espécie de divisora de águas entre a forma de atuação assimilacionista e um novo tipo de militância que ficou conhecida como *libertação gay*, que teve como principal coletivo o Gay Liberation Front (GLF). Para Jeffrey Weeks, mais do que reivindicações relacionadas a pessoas LGBTI+, esta nova forma de organização política se pautava na noção da necessidade de uma democracia sexual. Nas palavras do autor:

⁷ Martin Luther King's March on Washington for Jobs and Freedom in August 1963, and the voting rights march from Selma to Montgomery, Alabama, in March 1965, were further dramatic reminders of what needed to be done in a serious fight for civil rights. But homosexuals, who had no Martin Luther King to bring huge members of them together, started small.



Seguindo de muitas formas o formato organizacional dos movimentos negros da década de 1960, esses novos movimentos sociais construíram dentro deles novos sujeitos políticos agora proeminentes na arena política – especialmente nos Estados Unidos. [...] Isso teve profundas implicações para o futuro das políticas democráticas, pois os novos movimentos colocam na agenda a questão da expansão do termo para incluir uma democracia *sexual*. Um slogan como ‘nossos corpos são nossos’ tem implicações importantes para as formas atuais de regulação do sexo. [...] Sua principal conquista até agora foi trazer para a esfera da política questões que antes eram consideradas nada políticas: as questões de identidade, prazer, consentimento e escolha⁸ (Jeffrey WEEKS, 2002, p. 31-32).

Stonewall refere-se a uma série de protestos contra a violência policial desproporcional contra pessoas consideradas *desviantes sexuais* que frequentavam o bar *Stonewall Inn*, localizado em Greenwich Village, Nova Iorque. A onda de manifestações se iniciou em 28 de junho de 1969 e perdurou por vários dias. Na ocasião, manifestantes gays, lésbicas e transgênero lançaram garrafas e outros objetos contra policiais que, corriqueiramente, invadiam o bar, prendiam clientes sem quaisquer justificativas plausíveis ou provas de atividades ilícitas e se utilizavam de violência desproporcional. Mencionar este evento, que ocorre como um catalisador do movimento de pessoas LGBTI+, torna-se importante para contextualizar as tensões políticas que envolviam o cenário estadunidense neste período. Isso porque, como já mencionamos, *Stonewall* simboliza o florescimento de um estilo de militância por direitos civis que já encontrava terreno fértil no decorrer da década de 1960.

É neste cenário, marcado por novas formas de resistência e novas perspectivas nascentes acerca de identidades sexuais dissidentes em

⁸ Following in many ways the organisational form of the black movements of the 1960s these new social movements have constructed within them new political subjects now prominent on the political stage – especially in the United States. [...] This has profound implications for the future of democratic politics, for the new movements are placing on the agenda the question of the expansion of the term to include a *sexual* democracy. A slogan like ‘our bodies are our own’ has major implications for the current forms of social regulation of sex [...] Its major achievement so far has been to bring within the sphere of politics issues that have previously been regarded as scarcely political at all: the questions of identity, pleasure, consent and choice.



confronto com estigmas advindos tanto dos estratos jurídicos, como de segmentos religiosos e discursos médico-psiquiátricos que, um ano antes deste marco simbólico representado por *Stonewall*, a cidade de Los Angeles se tornaria o palco do nascimento da primeira igreja voltada para o acolhimento de pessoas LGBTI+ e liderada por um homem gay. Nos referimos aqui, precisamente, às Igrejas da Comunidade Metropolitana. No entanto, vale mencionar que outras iniciativas religiosas foram responsáveis por possibilitar o próprio surgimento das ICMs. Nos debruçaremos sobre elas de forma breve a seguir.

2. INICIATIVAS RELIGIOSAS DE PESSOAS LGBTI+: O SURGIMENTO DAS IGREJAS DA COMUNIDADE METROPOLITANA

Muito embora a denominação criada por Troy Perry tenha sido a primeira organização de caráter religioso especialmente voltada para o atendimento das necessidades espirituais e o acolhimento de pessoas LGBTI+, outras iniciativas anteriores a esta devem ser lembradas, pois consideramos que elas foram adubo e semearam o florescimento daquilo que posteriormente se tornaria a FUICM.

Em 1964, por exemplo, Martin Duberman (2019) rememora a formação do *Council on Religion and the Homosexual* na cidade de São Francisco. De forma geral, o Conselho foi criado por mulheres ligadas ao *Daughters of Bilitis* para debater assuntos relacionados à homossexualidade com lideranças religiosas progressistas ligadas a igrejas metodistas, luteranas, episcopais, assim como representantes da United Church of Christ, que se posicionavam em desacordo com políticas estatais discriminatórias. Ao recontar os eventos que precedem *Stonewall*, Duberman dá especial atenção a uma invasão policial durante uma reunião do Conselho, que ocorria no *California Hall*. Pala ele:

Em diversos sentidos, o incidente do California Hall marcou uma virada: ministros heterossexuais falaram não para denunciar gays, mas para defender sua humanidade; os tribunais ficaram do lado dos homossexuais; a polícia que antes se comportava como se fosse investida de um direito natural de assediar gays, foi repreendida e cerceada; e ativistas gays aprenderam uma preciosa lição de que



o enfrentamento aberto e organizado pode lograr resultados positivos⁹ (Martin DUBERMAN, 2019, p. 122).

A existência do *Council on Religion and the Homosexual* na metade da década de 1960 demonstra como, mesmo em um período em que a homossexualidade era constantemente estigmatizada, havia posicionamentos dissidentes dentro de igrejas tradicionalmente conservadoras e lideranças interessadas em debater sobre o assunto. Ainda que as igrejas especificamente voltadas para o acolhimento e promoção da espiritualidade de pessoas LGBTI+ tenham surgido um pouco posteriormente, o acolhimento a dissidentes sexuais já existia em outras comunidades. Articulações como a deste Conselho com o movimento homófilo demonstram, a nosso ver, a impossibilidade de conceber os discursos religiosos como monolíticos, a despeito de esforços de grupos conservadores em formular uma narrativa de aparente consenso a respeito do pecado da sodomia – narrativa essa que se intensifica consideravelmente com o advento do HIV/Aids a partir do final da década de 1970.

Outras iniciativas anteriores ao Conselho também foram identificadas por Heather White (2008), que destaca a existência da *Eucharistic Catholic Church*, uma igreja católica formada por lideranças independentes do Vaticano que passou a acolher paroquianos e padres gays em 1954. Em 1956, um dos líderes da ONE Inc. coordenou uma congregação chamada *First Church of the One Brotherhood*, que por pouco tempo se reuniu no templo da *First Christian Spiritualist Episcopal Church* em Los Angeles antes de desaparecer por completo. Em Nova Iorque, lideranças da *Mattachine Society* também fundaram um grupo protestante que foi conduzido pelo ministro Edward Egan, de tradição metodista. Essas tentativas seguiam premissas adotadas pelo próprio movimento homófilo da época, no qual a questão da homossexualidade, embora conhecida, não era explicitada ou afirmada como a ênfase desses grupos religiosos.

⁹ In several senses the California Hall incident marked a turning point: Heterosexual ministers had spoken up not to denounce gays but to defend their humanity; the courts had sided with homosexuals; the police, previously behaving as if invested with a natural right to harass gays, had been reprimanded and curtailed; and gay activists had learned the precious lesson that open, organized defiance could yield positive results.



As transformações ocorridas no decorrer dos anos 1960 com relação à entrada em cena dos novos movimentos por direitos civis, como já mencionamos anteriormente, tiveram um efeito determinante na forma de atuação de igrejas ligadas a grupos minoritários, a começar por sua forte atuação no movimento negro e o protagonismo do pastor Martin Luther King Jr. A este respeito, Melissa Wilcox enfatiza:

Os anos 1960 viram o desenvolvimento de um movimento político no qual organizações religiosas eram ativa e visivelmente envolvidas na luta por maior reconhecimento social e legal de um grupo de pessoas. Este movimento, é claro, foi a luta dos afro-americanos por direitos civis. Os esforços empreendidos pelos afro-americanos não somente inspiraram outros grupos oprimidos a agir, como os latinos, nativo-americanos e mulheres, mas também forneceram um exemplo de envolvimento da igreja¹⁰ (Melissa WILCOX, 2001, p. 88).

A ebulição política protagonizada por esses movimentos sociais caracteristicamente identitários é, desta forma, ainda mais potencializada por uma postura ativista e militante de igrejas cristãs e lideranças religiosas que se somam às lutas pelos direitos civis de minorias socialmente oprimidas. Essa característica eclesiológica do período vai reverberar, inclusive, no campo da produção teológica, com o advento de produções teológicas feministas, negras, entre outras iniciativas que buscam produzir teologia a partir de experiências de grupos oprimidos. A conjuntura estadunidense, neste sentido, produziu efeitos sobre as formas de *ser igreja* que reverberariam profundamente na proposta da ICM e de seu fundador, Troy Perry, que se tornou um dos principais militantes pelos direitos da população LGBTI+.

¹⁰ The 1960's saw the development of a political movement in which religious organizations were actively and visibly involved in the struggle for greater social and legal recognition of a group of people. That movement, of course, was the struggle of African Americans for civil rights. The efforts undertaken by African Americans not only inspired other oppressed groups into action, such as Latinos, Native Americans, and women, but they also provided an example for church involvement.



Antes de fundar aquela que se tornou *igreja mãe* da FUICM, Troy Perry foi pastor da *Church of God*¹¹, uma igreja conservadora e pentecostal. No documentário *Call Me Troy*, ele relembra o momento em que foi excomungado da igreja após ter sua orientação sexual revelada por um membro com o qual tivera relações sexuais na noite anterior, e o fato de ter sido abandonado por sua esposa e pelos dois filhos após este evento. Ao relatar os motivos que o levaram a conversar com sua esposa acerca de sua homossexualidade, Perry enfatiza: “*Eu não podia mais ser desonesto comigo mesmo*”¹² (CALL ME TROY, 2007, 12’34”). Neste período da vida, Perry se desliga de sua igreja e, após tentativas de suicídio e outros eventos que impactaram sua fé, sente-se novamente chamado por Deus, desta vez para abrir uma igreja que acolhesse a todas as pessoas.

A primeira celebração religiosa da igreja projetada por Perry foi anunciada na revista *The Advocate*, um dos principais veículos midiáticos voltados para assuntos relacionados à comunidade LGBTI+ à época, e que tinha circulação na área metropolitana de Los Angeles. O local anunciado para a realização do culto foi a casa do próprio Troy Perry, localizada em Huntington Park, subúrbio de Los Angeles. De acordo com informações disponibilizadas no site da FUICM, 12 pessoas compareceram àquele culto, realizado em 6 de Outubro de 1968. O tema do sermão escolhido para este momento inaugural, intitulado “*Sê fiel a ti mesmo*”¹³, traz elementos que mesclam não somente as origens pentecostais de Troy Perry, mas também a característica de uma luta identitária assumida pelo fortalecimento de movimentos por direitos civis¹⁴.

A igreja cresceu rapidamente após o seu primeiro culto, inicialmente em grandes cidades da Califórnia e posteriormente expandiu-se para

¹¹ A *Church of God* é uma denominação religiosa independente criada por ex-batistas no estado do Tennessee, EUA. Caracteristicamente pentecostal, a igreja possui caráter conservador e se posiciona veementemente contrária a temas como casamento entre pessoas do mesmo sexo, direitos de pessoas transgênero e a descriminalização do aborto. Para mais informações, ver o site oficial da denominação: < <https://churchofgod.org/> >. Acesso em: 05 jan. 2022.

¹² I couldn’t be dishonest with myself anymore.

¹³ “Be True To You”.

¹⁴ O sermão de Perry pode ser lido parcialmente no site da FUICM. Disponível em: < <https://www.mccchurch.org/overview/history-of-mcc/> >. Acesso em: 05 jan. 2021.



outros estados. Um mapeamento particularmente interessante que procura dar conta da visibilidade adquirida pela igreja de Troy Perry ao longo dos anos foi realizado por Robert Ridinger (2019), que identifica a atenção dada à ICM não somente em jornais e revistas voltadas para o público LGBTI+, como também na chamada *imprensa religiosa*. Neste processo da construção e consolidação de uma imagem pública da FUICM como *igreja gay*, Ridinger destaca tanto o apoio por parte do movimento gay mais amplo quanto a rejeição inicialmente expressada por outras organizações religiosas, demonstrando controvérsias que envolveram o nome da denominação durante sua história.

A primeira década de atuação da ICM foi marcada por sua participação ativa e intensa como *braço eclesial* do movimento social. Ana Ester Freire (2019) rememora, inclusive, a atuação pioneira de Troy Perry na organização da primeira Parada do Orgulho Gay do mundo, realizada em Los Angeles em 1970, e outras marchas importantes convocadas pelo reverendo na defesa de pautas como o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo. Esta atuação político-religiosa e a proeminência da questão identitária como característica fundamental da MCC também proporcionou sua plena expansão não só no território estadunidense, mas também com missões e incursões no Reino Unido e Austrália. Melissa Wilcox nota esse rápido crescimento em poucos anos desde o primeiro culto. Em suas palavras:

Desde aquela época, a igreja de Perry continuou a crescer em um ritmo impressionante. A MCC-Los Angeles dedicou seu primeiro edifício, a “Igreja Mãe” da denominação, em 7 de março de 1971. Mais de um ano antes, em 22 de fevereiro de 1970, cultos da MCC começaram em São Francisco, liderados por um ex-membro da congregação de Perry. A congregação de Chicago, cujo pastor procurou Perry após ter ouvido sobre a MCC, realizou seu primeiro culto em 10 de maio daquele mesmo ano, a um fim de semana de avivamento conduzido por Perry em São Diego no início de março de 1970 levou à fundação da MCC-São Diego em 19 de maio. Uma quinta igreja surgiu em Honolulu em setembro. No mesmo mês, para coroar o crescimento experimentado em 1970, a Fraternidade Universal das Igrejas da Comunidade Metropolitana realizou sua Conferência Geral inaugural. A igreja



de Perry tinha oficialmente se tornado uma denominação¹⁵ (Melissa WILCOX, 2001, p. 85).

O rápido crescimento da denominação pode ser explicado por diversos fatores sociológicos. Melinda Kane (2013) analisa dados relativos ao período que vai de 1974 a 2000, evidenciando a passagem de 38 para 203 congregações neste período somente nos Estados Unidos. Debruçando-se sobre este intervalo de tempo e partindo da análise de dados que consideram o número de congregações existentes em cada ano e por estado federativo (*state-year*), Kane ressalta, por exemplo, que a forte presença de uma subcultura LGBTI+ é fundamental para o crescimento de igrejas ligadas à FUICM. No entanto, também percebe forte presença e o crescimento das ICMs se mostra mais consistente ao longo dos anos em estados menos liberais e mais hostis à diversidade sexual e de gênero. Isso se dá pelo fato de que tais localidades forçam a criação de espaços exclusivos para pessoas LGBTI+ devido a práticas de segregação em outros locais de sociabilidade – sobretudo na vida religiosa comunitária, visto que congregações religiosas nestes estados costumam ser, também, mais conservadoras. De acordo com a autora:

State-years que abrangem a orientação sexual em suas leis anti-discriminação têm menos congregações da MCC que outros estados-anos, enquanto aqueles com leis de sodomia têm mais congregações. [...] estados-ano com cidadãos mais liberais têm menos MCCs, enquanto anos com atitudes públicas menos favoráveis em relação à diversidade sexual têm mais congregações da MCC. Parece que a presença de congregações da MCC é baseada na exclusão, ao invés da acessibilidade. Em outras palavras, estados-anos sem proteção anti-discriminação, leis

¹⁵ Since that time, Perry's church has continued to grow at an impressive rate. MCC-Los Angeles dedicated its first church building, the denomination's "Mother Church," on March 7, 1971. More than a year earlier, on February 22, 1970, MCC services had begun in San Francisco, led by a former member of Perry's congregation. The Chicago congregation, whose pastor had sought Perry out after hearing of MCC, held its first service on May 10 of the same year, and a weekend revival conducted by Perry in San Diego in early March of 1970 led to the foundation of MCC-San Diego on May 19. A fifth church followed in Honolulu in September. In the same month, to cap the growth experienced in 1970, the Universal Fellowship of Metropolitan Community Churches held its inaugural General Conference. Perry's church had officially become a denomination.



que criminalizam a atividade sexual consensual entre pessoas do mesmo sexo e níveis mais elevados de hostilidade pública exigem instituições religiosas separadas, de maneiras que estados-anos mais inclusivos não exigem¹⁶ (Melinda KANE, 2013, p. 150).

*A postura ativista de Perry também foi fundamental para o crescimento e ganho paulatino de visibilidade da FUICM. No entanto, também houve impactos negativos em diversos sentidos. Episódios de rejeição e o ódio mobilizados contra a denominação não foram raros. Em 21 de janeiro de 1973, um incêndio criminoso destruiu o prédio da ICM Los Angeles. Ridinger (2019) também enfatiza que as igrejas de Nashville, Nova Orleans e São Francisco também foram propositadamente depredadas aquele mesmo ano. Ao rememorar o incêndio da igreja mãe, Troy Perry conta: “Eu fui de triste a absolutamente bravo. Muito chateado, porque o Corpo de Bombeiros disse ‘uma origem suspeita’. Alguém ateou fogo naquela igreja. Agora, imediatamente, eu estou preocupado com onde vou realizar o culto. Percebi, meu Deus, aqui nas ruas, é claro! E a cidade pode bloqueá-las”¹⁷ (CALL ME TROY, 2007, 51’41”). A decisão de Perry de tomar as ruas com sua igreja e realizar um culto religioso em uma via pública após o incêndio criminoso que acometeu a MCC Los Angeles foi entendido por Ana Ester Freire (2019) como um ato de *queimar armários* e de tomar o espaço público de forma a fazer ainda mais visível uma comunidade de fé cristã que não só reivindica como desafia o próprio cristianismo do qual é parte integrante.*

¹⁶ State-years that include sexual orientation in their nondiscrimination laws have fewer MCC congregations than other state-years, while those with sodomy laws have more congregations. [...] state-years with more liberal citizens have fewer MCCs while years with less supportive public attitudes toward same-sex sexuality have more MCC congregations. It appears as though the presence of MCC congregations is based upon exclusion, rather than accessibility. In other words, state-years without antidiscrimination protection, laws that criminalize consensual same-sex sexual activity, and higher levels of public hostility require separate religious institutions in ways that more inclusive state-years do not.

¹⁷ I went from being sad to absolutely mad. Very upset, because the Fire Department said “a suspicious origin”. Somebody set that church on fire. Now at once I’m worried about where I’m going to hold service. It dawned on me, my God, right here in the streets, of course! And the city can block it off.



A militância da ICM, no entanto, não foi intimidada por episódios de demonstração de ódio como a queima do prédio de sua igreja mãe. Perry seguiu atuante sobretudo em pautas relacionadas aos direitos da comunidade LGBTI+, organizou marchas pelo casamento igualitário e manifestações contra proposições legislativas discriminatórias, assim como, especialmente no decorrer da década de 1980, teve atuação marcante no enfrentamento à epidemia do HIV/Aids e no acolhimento de pessoas soropositivas em suas comunidades. Vários desses eventos e frentes de atuação nas quais as ICMs tiveram papel protagonista são rememorados no documentário *Call Me Troy*, assim como em seus livros. Para nossos propósitos, interessa mencionar que essa postura ativista parece ter sido fundamental, ao menos no que diz respeito aos Estados Unidos, para que a denominação se tornasse cada vez mais visível e amplificasse seu alcance, atraindo cada vez mais pessoas para dentro de suas igrejas e se expandindo por paisagens ainda inexploradas dentro do território norte americano.

A seguir, exploraremos os principais aspectos de um tipo particular de militância, que muito embora dialogue com o campo teórico desconstrutivista, carrega elementos também do debate identitário que apregoa uma *essência* legitimada por Deus como forma de produzir novos discursos teológico-pastorais acerca das identidades LGBTI+.

3. SER ICM: AMBIVALÊNCIAS ENTRE ESSENCIALISMOS IDENTITÁRIOS E PERSPECTIVAS ANTI-NORMATIVIDADE

Evidentemente, as origens pentecostais de Perry reverberam nesse tom profético adotado pelo mesmo ao recontar sua história e os eventos que o levaram à fundação de uma igreja pensada, especificamente, para o acolhimento de pessoas LGBTI+ comumente rejeitadas em suas comunidades religiosas de origem. O tom missionário também está fortemente presente no imaginário de Troy Perry, na medida em que entende que o chamado de Deus para sua vida é criar uma igreja que leve a palavra de Deus para uma comunidade historicamente oprimida pelas religiões de matriz cristã e, por isso mesmo, distanciadas dessas crenças.

Desde os primórdios da denominação, a noção de que é necessário *ser quem se é* tem lugar nucleico nas formulações teológicas produzidas



por lideranças das ICMs mundo afora. O enunciado *ser fiel a si mesmo*, trazida por Perry no culto inaugural da ICM, caracteriza-se como um chamamento à autoafirmação de uma identidade específica: *ser LGBTI+*. Trata-se, portanto, da afirmação da integral compatibilidade entre ser LGBTI+ e seguir preceitos bíblicos característicos da experiência cristã, em oposição a afirmações que apregoam a incompatibilidade entre ser LGBTI+ e declarar pertença à fé cristã. Perry, neste sentido, lança mão de recursos discursivos, hermenêuticos e interpretativos que partem de sua própria experiência de redescobrimto, reconversão e aceitação de sua própria identidade sexual, na medida em que passa a ressignificar passagens bíblicas que permitem uma afirmação positiva de pessoas que foram historicamente relegadas às margens das igrejas cristãs. Explicando a escolha de Troy Perry por se utilizar deste tema em específico, assim como sua relação com a história bíblica de Jó, Ana Ester Freire pontua:

Troy Perry não estava mais no alvo da retribuição de Deus por seus atos considerados pecaminosos, estava sim no alvo do amor de Deus, que o libertava para ser quem ele era verdadeiramente. Afinal, existia um chamado: ‘Sê fiel a ti mesmo’. Esse chamamento só podia ser cumprido dentro de um ambiente teológico que o acolhesse integralmente. Assim, a escolha do texto de Jó não foi uma escolha ingênua. Troy Perry podia lançar mão do arquétipo de Jó para apresentar-se naquela comunidade como alguém que se assumia gay e se professava cristão (Ana Ester FREIRE, 2019, p. 128-129).

As inovações em termos teológicos e doutrinários começaram a ser trazidas por Perry naquela tarde antes mesmo de qualquer sistematização. Rememorando alguns elementos das reflexões de Michel Foucault e da construção de uma *verdade sobre si* estimulada por técnicas de saber-poder exercidas por instituições religiosas (Michel FOUCAULT, 2020; 2015; 2014; 2008; 2004), é possível pensar que o sermão inaugural daquilo que se tornaria a FUICM demonstra como mecanismos discursivos similares e também alicerçados em preceitos bíblico-religiosos podem ser promotores de reelaborações importantes no sentido de uma reconstrução identitária que rompe com determinados arranjos



normalizadores que fundamentam a legitimação de identidades sexuais e de gênero particulares dentro do cristianismo.

Com o início das atividades e o crescimento da denominação no decorrer da década de 1970, outros aspectos pertinentes relacionados às reformulações teológicas da denominação, sobretudo no que se refere à legitimação da homossexualidade e da identidade de gênero como elementos *dados por Deus*, também passam a ser constantemente enfatizados. Se, por um lado, o movimento de libertação gay crescia exponencialmente por meio da utilização de *slogans* como “*gay is good*”, a igreja de Perry encontrou solo fértil justamente por conta de reelaborações teológicas que se tornaram legitimadoras e auxiliaram no sentido de impulsionar a característica de autoafirmação identitária deste movimento. Para Heather White, a ICM adquiriu o caráter *braço eclesial* do movimento gay estadunidense, pois foi capaz de catalisar os interesses específicos desta comunidade. Nas palavras da autora:

Os esforços iniciais do movimento homófilo auxiliaram a construir as bases teológicas e institucionais para um movimento religioso posterior, que enfatizava “tirar a máscara” – revelando a identidade de alguém como homem gay ou lésbica em confronto com um mundo social que demandava que a homossexualidade permanecesse escondida das vistas. Quando as rebeliões de Stonewall de 1969 galvanizaram um movimento que rapidamente eclipsou os esforços políticos do movimento homófilo predecessor, a fundação da MCC em 1968 catalisou o florescimento de um movimento religioso. Ao contrário dos cultos religiosos da década anterior, as igrejas gay do final dos anos 1960 e início dos anos 1970 publicizaram abertamente seus cultos e atraíram cobertura significativa da imprensa¹⁸ (Heather WHITE, 2008, p. 105-106).

¹⁸ The initial efforts by the homophile movement helped construct the theological and institutional groundwork for a later religious movement, which emphasized “taking off the mask”—revealing one’s identity as a gay man or lesbian in confrontation with a social world that demanded that homosexuality remain hidden from view. As the 1969 Stonewall riots galvanized a movement that quickly eclipsed the political efforts of the predecessor homophile movement, the founding of the MCC in 1968 catalyzed a flourishing religious movement. Unlike the quiet religious services of previous decades, the gay churches of the late 1960s and early 1970s openly publicized their services and attracted substantial press coverage.



Outras pesquisas, como as de Ronald Enroth (1974), Paul Bauer (1976) e Stephen Warner (1995) também demonstram a correlação entre o crescimento das ICMs e sua afinidade com o movimento de *libertação gay*. Para os autores, as ICMs souberam se valer de seu contexto para se alçar ao lugar de *extensão eclesial* da subcultura gay estadunidense. Sua atuação atribui significações teológicas ao movimento de *libertação gay* e, por isso, as primeiras congregações foram capazes de se expandir junto ao próprio movimento e ao alargamento de uma subcultura que, aos poucos, saía de seu próprio armário, sobretudo nos grandes centros urbanos. Por meio de reformulações teológicas que valorizam de forma positiva a questão de *ser quem é*, as ICMs investiram em discursos e práticas que apregoavam a compreensão e argumentação de que a orientação sexual e a identidade de gênero, independentemente da forma como se manifestam, são características dadas por Deus a cada pessoa. A este respeito, Paul Bauer enfatiza:

[...] o atrativo da MCC é que ela oferece uma “solução” para os problemas sociais e religiosos de ser gay. “A sociedade pode rejeitar a nós gays, mas Deus não” é um sentimento comumente expressado. [...] A crença de que “gay é bom” é nucleica para visão de mundo do movimento gay. A ideologia do movimento oferece uma legitimação teológica para essa crença. A crença aparece para contribuir para a coesão da comunidade gay¹⁹ (Paul BAUER, 1976, p. 117).

A noção teológico-identitária de *ser quem se é* se converte em um dos principais *slogans* da FUICM em suas igrejas espalhadas pelo mundo, expressada na noção de *ser ICM*. Em nossa perspectiva, esse elemento incorre necessariamente no debate relacionado à produção de identidades coletivas que reverberam fortemente nas trajetórias identitárias individuais de pessoas marginalizadas que se juntam às congregações locais pelos mais variados motivos: angústias vividas em grupos religio-

¹⁹ [...] the appeal of the MCC is that it offers a “solution” to the religious and social problems of being gay. “Society may reject us gays, but God does not” is a commonly expressed sentiment. [...] The belief that “gay is good” is basic to the world view of the gay movement. The movement’s ideology provides a theological legitimation for this belief. The belief appears to contribute to the cohesiveness of the gay community.



tos anteriores no que concerne à sexualidade e/ou identidade de gênero, afinidade com as propostas denominacionais da FUICM, a procura por um espaço seguro do exercício da liberdade religiosa, a possibilidade pertencimento a uma comunidade, a busca por espaços de socialização com pessoas com vivências similares ou possíveis de correlacionar, entre outros aspectos motivadores que impulsionam os mais diversos sujeitos a se tornarem parte da membresia das congregações locais. Este é um ponto que nos chama especial atenção sobre o qual gostaríamos de nos debruçar neste último momento.

No que concerne ao exposto acima, gostaríamos de ressaltar uma questão que acreditamos ser fundamental às reelaborações teológicas empreendidas pela FUICM e imprescindível no processo de reconstrução identitária de pessoas LGBTI+ que chegam às congregações locais e, nelas, encontram recursos e subsídios que fomentam tais processos. Nos referimos aqui ao acionamento de formas específicas de *essencialismo* com relação aos aspectos da identidade sexual e/ou de gênero. Muito embora tais mecanismos sejam amplamente criticados por perspectivas desconstrutivistas com relação à cisheteronormatividade, consideramos que o acionamento de recursos teológico-identitários que evocam uma *essência* de pessoas LGBTI+ é decisivo para a construção discursiva da legitimidade das identidades sexuais e de gênero de pessoas LGBTI+ como sujeitos religiosos. Ao mesmo tempo, é um indicativo da própria complexidade das vivências socioreligiosas desses sujeitos, da própria FUICM e de suas comunidades locais, que lidam com contradições que lhes são inerentes e expressam, talvez, os limites de atuação deste *braço eclesialístico* do movimento LGBTI+.

Perceber como são acionadas formas de *essencialismo*, seja por parte de lideranças religiosas ou pelas percepções de membros das congregações locais, envolve compreender que, em uma sociedade na qual os sujeitos constituídos pelo gênero e pela sexualidade, são esses mesmos esquemas regulatórios e normativos que são acionados, ao menos, como pontos de partida para o estabelecimento de reconstruções identitárias. Se corroboramos com as reflexões de Michel Foucault (2014) acerca das formas pelas quais a sexualidade – e, incluímos aqui, a identidade de gênero – são elementos definidores no processo de cons-



tituição dos sujeitos e suas respectivas subjetividades nas sociedades contemporâneas, é premente perceber como esses mesmos recursos podem ser apropriados, amplificados e subversivamente transformados pelos movimentos identitários, dentre os quais a FUICM é parte integrante. Muito embora a complexidade dos sujeitos evidentemente extrapole marcadores identitário-normativos, é importante perceber que esses mesmos marcadores, estabelecidos por esquemas regulatórios, servem como baluartes para que os sujeitos constituam sua própria identidade, por meio de elementos que contemplem e definam, ainda que superficialmente, as formas de se auto definir e *relatar a si mesmos* (Judith BUTLER, 2017), visto que são, também, esses mesmos marcadores acionados como justificativas que busca legitimar formas de opressão e violência que os acometem.

Conforme salientado por Marcelo Natividade (2005), sexualidade/identidade de gênero e espiritualidade/religiosidade são componentes modeladores e definidores da constituição identitária dos sujeitos contemporâneos. Neste sentido, o argumento *essencialista* torna-se recurso estratégico no sentido de conferir aos sujeitos as justificações teológicas que procuram legitimar as orientações sexuais e identidades de gênero que não se conformam à cisheteronormatividade, ou seja, nesta compreensão, tais características de gênero e sexualidade seriam *dadas por Deus* e, portanto, inquestionavelmente legítimas e avalizadas em sua própria existência. Percepções que se assemelham a esta são enfatizadas em pesquisas pioneiras no estudo de igrejas formadas por pessoas LGBTI+. Aqui, podemos destacar as reflexões de Ronald Enroth, que atribui esta associação de uma identidade *dada por Deus* como uma das principais característica da teologia produzida por igrejas ligadas à FUICM desde seus primórdios. Sintetizando de forma bastante clara este aspecto essencialista mencionado acima, Enroth afirma:

Gays cristãos falam em termos de sua “identidade homossexual dada por Deus” e afirmam que já se foi o tempo em que homossexuais deveriam se envergonhar de sua orientação sexual. [...] A igreja gay está tentando reforçar uma autoimagem positiva na pessoa gay, bem como trabalha para a resolução de problemas espirituais. Frequentemente, é feita referência à noção de que o mundo heteros-



sexual, não raro, vê o homossexual como menos do que totalmente humano e que cristãos heterossexuais falam como se Deus desprezasse pessoas gays. Esta atitude é combatida pelo slogan favorito do fundador da MCC, Troy Perry: “Deus também me ama”²⁰ (Ronald ENROTH, 1974, p. 357).

Muito embora a pesquisa empreendida por Enroth tenha sido feita ainda na primeira década de existência e atuação das MCCs nos Estados Unidos, percepções similares foram encontradas não somente em trabalhos mais recentes em comunidades estadunidenses e de outras partes do mundo – a exemplo do trabalho de Brownyn Fielder e Douglas Ezzy (2018) na MCC Melbourne (Austrália), na qual um grande *banner* contendo a frase *Born This Way*²¹ ocupa lugar privilegiado no templo. Este aspecto que envolve uma descrição e percepção essencializadas de si, sobretudo para justificar o fato de que a identidade LGBTI+ não se trata de uma escolha, mas de algo que inevitavelmente compõe a subjetividade dos membros/as/os das ICMs está, a nosso ver, intrinsecamente concatenado à noção preponderante que adjetiva as congregações locais como *lugar para ser*.

Os pressupostos teológico-pastorais característicos das ICMs vão fortalecer uma noção pré-existente de que é necessário que as pessoas tenham a possibilidade de *ser o que são* – percepção esta que está intimamente influenciada pela *ética de autenticidade* (Charles TAYLOR, 2007; 2011). Mas, para além disso, vai fornecer uma legitimação que ganha

²⁰ Gay Christians speak in terms of their ‘God-given homosexual identity’ and assert that the time is past when homosexuals must be ashamed of their sexual orientation. [...] The gay church is attempting to reinforce a positive self-image in the gay person as well as working toward the resolution of spiritual problems. Frequent reference is made to the notion that the straight world often views the homosexual as less than fully human and that straight Christians talk as if God despises gay people. This attitude is countered in MCC founder Troy Perry’s favorite slogan, ‘God Loves Me Too’ (ENROTH, 1974, p. 357).

²¹ A expressão, cuja tradução quer dizer *Nasci Desse Jeito*, é um *slogan* historicamente associado ao movimento LGBTI+. Originou-se com a canção e livro, ambos intitulados *I Was Born This Way*, produzidos pelo ativista gay, negro e religioso estadunidense Carl Bean. Bean também foi o fundador de um movimento teológico liberal protestante chamado *Unity Fellowship Church Movement*, voltado para o acolhimento de pessoas LGBTI+ negras em Los Angeles. Mais recentemente, a expressão se popularizou por meio do álbum e da canção homônima *Born This Way*, interpretada pela cantora e histórica apoiadora da causa LGBTI+, Lady Gaga.



contornos sagrados, na medida em que a identidade LGBTI+ passa a ser vista como um aspecto que faz parte de uma identidade *dada por Deus*. Melissa Wilcox salienta a importância dessa narrativa que reivindica a própria identidade associada à vontade de Deus. Ao analisar os dados de sua pesquisa de campo, ela ressalta:

Reivindicar uma identidade essencialista [...] pode ser uma poderosa auto afirmação; para um/a cristã/o reivindicar não somente sua identidade sexual e de gênero como inata, mas como dada por Deus, fornece um contra-argumento inabalável contra aqueles que querem que ele/a acredite que se está pecando ou possuído/a pelo demônio. Na verdade, alguns participantes deste estudo vão além até mesmo da posição de que sua identidade é dada por Deus; eles/as reivindicam um entendimento místico de si próprios/as como parte de Deus e de Deus como parte deles/as. As implicações de tal entendimento podem ser consideravelmente radicais²² (Melissa WILCOX, 2003, p. 58).

Ora, o principal recurso discursivo instrumentalizado por grupos religiosos conservadores para deslegitimar as identidades LGBTI+ e apontar sua incongruência em relação à vontade de Deus repousa na noção de que *Deus criou homem e mulher* – sujeitos/as/os cisheteronormativos/as/os. Tais asserções encontram-se, supostamente, na Bíblia, entendida como a Palavra de Deus e, de forma mais específica, nos chamados *textos de terror*²³ que em tese versariam explicitamente sobre a condenação de pessoas homossexuais e transgênero. É justamente no fazer frente a tais percepções que o recurso aos *essencialismos* e à

²² To claim an essentialist identity [...] can be a powerful self-affirmation; for a Christian to claim not only her sexual or gender identity is innate but that it is God-given provides an unshakable counter-argument against those who would have her believe she is sinning or demon-possessed. In fact, some participants in this study go beyond even the position that their identity is God-given; they claim a mystical understanding of themselves as a part of God and of God as a part of them. The implications of such an understanding can be quite radical.

²³ Textos que compõem o Antigo Testamento, como a narrativa da queda de Sodoma e Górra, contida em Gênesis, é um dos textos mais utilizados para a condenação às pessoas LGBTI+. Além desses, destacamos o uso de Levítico. No Novo Testamento, destacam-se as cartas do apóstolo Paulo aos Romanos e Coríntios, nos quais algumas traduções utilizam-se do termo *homossexual*, muito embora saiba-se que a expressão *homossexualismo* foi cunhado (sugiro cunhada por concordar com expressão) somente em meados do século XIX.



noção de que a orientação sexual e/ou identidade de gênero são componentes *dados por Deus* torna-se um poderoso recurso no processo de empoderamento de pessoas LGBTI+ por meio das vivências religiosas e culminam, por sua vez, na formulação de outra construção identitária: a de/a/o LGBTI+ cristã/o.

Ainda que tal noção abarque uma coletividade de sujeitos que, evidentemente, se reconhecem como diferentes entre si, dadas as particularidades de cada um/a, essa autoafirmação de si, pensada em termos de uma nova possibilidade no campo das categorias identitárias disponíveis, e formulada tendo como base a noção de uma *essência/autenticidade do self* é produzida e, portanto construída, de forma a cumprir – seja de forma premeditada ou como um efeito inesperado –, objetivos específicos dentro do campo religioso no qual se insere, da mesma forma poderíamos argumentar que ocorre no campo das formas de representação política. Ainda que os sujeitos sejam evidentemente diferentes, suas vivências são, em alguma medida, marcadas por certo compartilhamento de experiências que lhes permitem se perceber como *pertencentes* dentro daquele grupo. Com isso, queremos dizer que *es/as/os* sujeitos/as/os religiosos/as/os cristãos LGBTI+ estão, a todo tempo, operacionalizando – consciente ou inconscientemente – categorias identitárias que expressam uma determinada *essência de si*, sem que isso necessariamente se converta em uma empreitada universalizante que mascare as diferenças.

O debate em torno dos essencialismos é marcado por diversas controvérsias. Diana Fuss (1989) rememora, por exemplo, como esse recurso aos essencialismos é costumeiramente entendido como uma armadilha identitária, justamente por uma certa tendência a universalizar um determinado grupo sociopolítico. No entanto, a autora argumenta que é importante perceber não somente as potencialidades dos essencialismos em determinados campos de disputa discursiva, mas também reconhecer que a própria noção de uma *essência* é fruto de construções que *os/as/os* sujeitos/as/os operam a partir da experiência vivida. Essas construções, por sua vez, permitem novas formas de convivência consigo e com outres/as/os e tensiona as zonas de legitimidade que vão reverberar em formas possíveis naquilo que Judith Butler caracteriza



como *espaços de aparecimento* (Judith BUTLER, 2018).

Tornar visível. Fazer-se visível. Trata-se de pressionar os espaços de aparecimento e reivindicar o direito de aparecer como pessoa LGBTI+ cristã. Operar novos discursos que criam algo novo ao mesmo tempo em que desconstróem ou, minimamente, tensionam perspectivas que se pretendem absolutas é lugar de atuação privilegiado de uma denominação religiosa que se coloca em defesa da diversidade sexual e de gênero. Concatenada ao acionamento de essencialismos que se respaldam na noção de que Deus criou as pessoas da forma como são e para serem quem são, consideramos que a FUICM exerce papel premente na garantia de direitos da população LGBTI+, extrapolando, inclusive, sua própria membresia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo se debruçou brevemente pelos aspectos que permitem correlacionar o surgimento de uma militância política pelos direitos da população LGBTI+ e o concomitante aparecimento de iniciativas de caráter religioso que contemplassem as vivências desses/as mesmas/as/os sujeitos/as/os, culminando na criação da primeira denominação religiosa formada por e para pessoas LGBTI+, as Igrejas da Comunidade Metropolitana.

Com o intuito de tecer algumas reflexões para finalizar este texto – e sem qualquer pretensão de esgotar o assunto – gostaríamos de ponderar a importância de iniciativas de caráter religioso que somam à luta de pessoas LGBTI+ pela garantia de seus direitos de cidadania, independentemente do contexto sociocultural e religioso no qual essas empreitadas venham a se inserir. Apontamos como uma conjuntura político-social específica permitiu o surgimento de tais iniciativas, mas enfatizamos também como as mesmas iniciativas foram responsáveis por promover justificações teológicas na defesa da dignidade e dos direitos humanos de pessoas LGBTI+. Este elemento é particularmente relevante quando se compreende que parte considerável de posturas discriminatórias contra pessoas LGBTI+ advém, justamente, do mesmo campo religioso que esses/as sujeitos/as/os passam a reivindicar.

A construção de uma nova categoria identitária estrategicamente empregada na figura da pessoa LGBTI+ cristã é promotora não so-



mente de novas significações no campo das possibilidades identitárias relacionadas a gênero e sexualidade, mas também ao próprio campo religioso, na medida em que articula elementos historicamente postos como distintos e em oposição. Pensando em termos políticos, trata-se da defesa da liberdade religiosa de pessoas LGBTI+, como salientado por André Musskopf (2008) em outra oportunidade. Mas, para além do campo específico da garantia de direitos, consideramos que a afirmação dessa *essência de si* representada por novos arranjos normativo-identitários contribui no sentido de alçar novas/as/os sujeites/as/os a espaços de aparecimento que antes lhes eram negados ou que os relegava à invisibilidade.

Ademais, consideramos que a fé é elemento premente no processo de empoderamento e nas possibilidades de reconstrução identitária de pessoas LGBTI+ por características que são inerentes ao aspecto subjetivo da religiosidade e das crenças individuais e coletivas. O aparecimento de pessoas LGBTI+ cristãs como sujeites/as/os coletivos, neste aspecto, é capaz de tensionar horizontes de significação pré-estabelecidos, assim como adiciona elementos subversivos que questionam a suposta unanimidade de discursos religiosos que apregoam a inevitabilidade da contradição entre identidades sexuais e de gênero que não se conformam à chamada cisheteronormatividade e a fé cristã – entendida por segmentos conservadores como monolítica e inquestionável no que tange a temas morais controversos. Evidenciar as dissidências, a pluralidade e a polifonia do campo religioso é, desta forma, confrontar empreitadas que buscam legitimar determinados regimes de poder. Daí a importância de grupos religiosos formados por pessoas LGBTI+ que, incansavelmente, por meio da afirmação de si como sujeites/as/os individuais e coletivos, inauguram rupturas imprescindíveis em direção ao respeito à diversidade.

REFERÊNCIAS

BAUER, Paul F. The Homosexual Subculture at Worship: A Participant Observation Study. *Pastoral Psychology*, v. 25, n. 2, , 1976. 115-127 p.

BLOOM, Scott (Dir.). **Call Me Troy**. Frameline Voices, 2007. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=-RDoh7BNIJI> >. Acesso em: 26 maio. 2021.



- BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- DUBERMAN, Martin. **Stonewall**: The definitive story of the LGBTQ rights uprising that changed America. New York: Plume, 2019.
- DIAS, T. B. **Um “lugar para ser”**: reconstruções identitárias de pessoas LGBTI+ cristãs nas Igrejas da Comunidade Metropolitana. 283f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo São Bernardo do Campo, 2022.
- ENROTH, Ronald M. The Homosexual Church: An Ecclesiastical Extension of a Subculture. **Social Compass**, XXI, pp. 355-360, 1974.
- FADERMAN, Lillian. **The Gay Revolution**: The Story of The Struggle. New York: Simon & Schuster, 2015.
- FADERMAN, Lillian; TIMMONS, Stuart. **Gay L.A.**: A History of Sexual Outlaws, Power Politics, and Lipstick Lesbians. Los Angeles: Basic Books, 2006.
- FIELDER, Bronwyn; EZZY, Douglas. **Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender Christians**: Queer Christians, Authentic Selves. London/New York: Bloomsbury, 2018.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade IV**: as confissões da carne. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. Sexualidade e poder. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, pp. 56-76.
- FREIRE, Ana Ester Pádua. **Armários queimados**: igreja afirmativa das diferenças e subversão da precariedade. 275 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- FUSS, Diana. **Essentially Speaking**: feminism, nature and difference. New York: Routledge, 1989.
- JESUS, Fátima Weiss de. **Unindo a Cruz e o Arco-Íris**: Vivência religiosa, homossexualidades e trânsitos de gênero na Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo. 302 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- KANE, Melinda D. LGBT Religious Activism: Predicting State Variations in the Number of Metropolitan Community Churches, 1974-2000. **Sociological Forum**, v. 28, n. 1, 2013, p. 135-158.



MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. “Uma igreja dos direitos humanos” onde “promíscuo é o indivíduo que faz mais sexo que o invejoso e inveja é pecado”: notas sobre a identidade religiosa da Igreja da Comunidade Metropolitana. **Mandrágora**, v. 21, n. 2, 2015b, pp. 5-37.

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. “Jesus me ama no *dark room* e quando faço programa”: narrativas de um reverendo e três irmãos evangélicos acerca da flexibilização do discurso religioso sobre sexualidade na ICM (Igreja da Comunidade Metropolitana). **Polis e Psique**, v. 1, pp. 166-194, 2011.

NATIVIDADE, Marcelo. Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. **Religião & Sociedade**, v. 30, n. 2, pp. 90-121, 2010.

NATIVIDADE, Marcelo. **Deus me aceita como eu sou?** A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil. 342 f. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade masculina e experiência religiosa pentecostal. In: HEILBORN, Maria Luiza (Orgs.) et al **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, pp. 247-272.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro de. **As novas guerras sexuais:** diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

RIDINGER, Robert. Rising the Witness: The Metropolitan Community Church in the Religious Press. **Journal of Religious & Theological Information**, v. 18, n. 1, 2019, pp. 1-22.

SEIDMAN, Steven. Identity and Politics in a “Postmodern” Gay Culture: Some Historical and Conceptual Notes. In: WARNER, Michael (Ed.). **Fear of a Queer Planet:** Queer Politics and Social Theory. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993, pp. 105-142.

SILVA, Aramis Luis. Uma igreja em marcha: relato etnográfico da participação da ICM na 20ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo. **Ponto Urbe**, n. 19, 2016. Disponível em: < <http://journals.openedition.org/pontourbe/3314> >. Acesso em: 4 mar. 2020.

TAYLOR, Charles. **A ética da autenticidade**. São Paulo: É Realizações, 2011.

TAYLOR, Charles. **A Secular Age**. Cambridge, Massachussets: The Belknap Press of Harvard University Press, 2007.

WARNER, R. Stephen. The Metropolitan Community Churches and the Gay Agenda: The Power of Pentecostalism and Essencialism. In: NEITZ, Mary Jo; GOLDMAN, Marion S. **Sex, Lies, and Sanctity:** Religion and Deviance in Contemporary North America. Greenwich, Conn: JAI, 1995, pp. 81-108.

WEEKS, Jeffrey. **Sexuality and its discontents:** meanings, myths & modern sexualities. London/New York: Routledge, 2002.

WHITE, Heather Rachelle. Proclaiming Liberation: The Historical Roots of LGBT Religious Organizing, 1946-1976. **Nova Religio**, v. 11, n. 4, 2008, pp. 102-119.



WILCOX, Melissa. **Coming Out in Christianity: Religion, Identity & Community.** Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 2003.

WILCOX, Melissa. Of Markets and Missions: The Early History of the Universal Fellowship of Metropolitan Community Churches. **Religion and American Culture: A Journal of Interpretation**, v. 11, n. 1, 2001, pp. 83-108.

Submetido em: 26-5-2022

Aceito em: 10-6-2022